

# A Tradição (arqueológica) itaparica: A materialidade textual e a semantização dos objetos<sup>i</sup>

*Marcélia Marques*

Universidade Estadual do Ceará (UECE); doutoranda (PUCRS);  
Laboratório de Arqueologia- CEPA- FFCH- PUCRS; bolsista da Capes.

*Klaus Hilbert*

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).  
Laboratório de Arqueologia- CEPA- FFCH- PUCRS.

**RESUMO:** A tradição Itaparica de caçadores e coletores da pré-história brasileira foi primeiramente documentada pelo arqueólogo Valentin Calderón, em 1969, quando do registro de uma indústria de instrumentos líticos lascados. No processo de conhecimento dos objetos desta cultura pretérita concorreram especialmente as práticas laboratoriais, as práticas de escrita arqueológica e as práticas de exibição museológica. No presente trabalho, por um lado, procuramos explicitar a produção científica na materialidade dos textos arqueológicos quando da anunciação desta tradição. Por outro, a exposição das coisas da cultura material no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE), da Universidade Federal da Bahia (UFBA), estabelece a demarcação da alteridade cultural pela via dos objetos arqueológicos. Consideramos que nessas duas instâncias (texto e exposição) se configura um processo semiótico que assegura o sentido dos objetos, tanto no âmbito científico quanto na comunicação com o público em geral.

**Palavras-chave:** caçadores-coletores do holoceno; Tradição Itaparica; indústria lítica; coleção museológica.

**ABSTRACT:** The Itaparica Tradition, a Brazilian prehistoric hunter-gatherer tradition, was first documented in 1969 as a lithic industry of flaked instruments by the archaeologist Valentin Calderón. Through out the cognizance process of the objects of this preterit culture, laboratorial praxis and the praxis of the elaboration of an archaeological text competed with the praxis of museological exhibitions. In the present work we attempt, on one hand, to explicit the scientific production by the materiality of the archaeological text as an enunciation of this tradition. On the other hand, the exhibit of material culture in the Museum of Archaeology and Ethnology (MAE) of the Federal University of Bahia (UFBA), establishes a boundary of cultural differentness using archaeological objects. We consider that within these two means (text and

exhibit), a semiotic process is established, which affirms meaning to the objects in the scientific realm, and communication with the public in general.

**Key-words:** Holocene hunter-gatherer; Itaparica Tradition; lithic industry; museological collection.

*Quiera Dios que la monotonía esencial de esta miscelánea (que el tiempo ha compilado, no yo, y que admite piezas pretéritas que no me he atrevido a enmendar, porque las escribí con otro concepto de la literatura) sea menos evidente que la diversidad geográfica o histórica de los tema.*

Jorge Luis Borges. *El Hacedor*. 1996.

### **No princípio... a Gruta do Padre e o (des)encontro amoroso**

Em pleno final dos anos 1960, a extraordinária paisagem do sertão nordestino motivava o arqueólogo Valentin Calderón a afirmar, em um dos seus escritos não publicados e arquivados no MAE/UFBA<sup>ii</sup>, que “*la región es, seguramente, uma de las mas árida em todo el ‘Sertão’ Sanfranciscano*”. Neste cenário, a Gruta do Padre, próxima a cachoeira de Itaparica, no município de Petrolândia (Bahia), atraía sertanejos e arqueólogos que em seus *mundos* narravam histórias orais do domínio público e pré-história tecida no texto arqueológico.

Valentin Calderón, na sua prática de construção textual categorizou de “Subsídios para o Trabalho”<sup>iii</sup> um texto onde aludiu para os acontecimentos explicativos do topônimo Gruta do Padre e episódios de uma fascinante história de um (des)encontro amoroso:

Em conversa com um habitante do lugar, o Sr. Anselmo, chegou ao conhecimento de Estevão Pinto a existência de uma gruta no “Serrote” e na qual tinham sido queimados vivos um padre e u’a môça. Interessando-me o assunto perguntei-lhe se sabia onde ficava a gruta. Respondeu-me afirmativamente, dizendo-me, até, que na última vez em que nela havia penetrado, vira os ossos do padre. Essa comunicação, aguçando-me ainda mais a curiosidade, obrigou-me a pedir-lhe esclarecimentos sobre o caso. Satisfazendo-me o pedido. Segundo esta lenda, há muitos anos passados, um padre, no Piauí, raptara u’a môça. Perseguidos pela família desta,

fugiram para cá. Chegando a Itaparica, sempre acompanhados pelos seus perseguidores, esconderam-se na gruta. Descoberto o esconderijo, seus inimigos taparam com lenha a entrada da gruta e ‘tocaram’ fogo na lenha. Não podendo fugir, morreram queimados o padre e a mãe.

Arqueólogos também são atraídos pelos casos populares; a prática arqueológica não se configura apenas em conhecer os elementos destituídos de fala (a paisagem, a estratigrafia e os artefatos) e medí-los. Valentin Calderón e Carlos Estevão, que o antecedeu nas pesquisas na Gruta do Padre, estiveram atentos ao sítio e às falas que lhes davam sentido histórico-social em pleno sertão baiano. Nos anos 1960 ainda eram pouco expressivos os trabalhos que afirmassem a reflexão sobre a multiplicidade de vozes na pesquisa arqueológica, no entanto, de forma sutil, Valentin Calderon foi um ouvinte diante da emergência da voz de Anselmo. Este encontro pode ser percebido nas nuances que envolvem a história oral no mundo da pesquisa arqueológica, onde é necessário situar as diferentes vozes à medida que são ouvidas e entendidas, ao invés de somente aplicar instrumentos universais de medição (HODDER,1991)<sup>iv</sup>.

Quais os sinais que apontavam para a morte do casal? Os ossos da Caverna do Padre eram os indícios da tragédia que se propagava oralmente entre os habitantes dessa região. Entretanto, Valentin Calderón e Carlos Estevão, ambos, irão afirmar que os ossos diziam respeito a populações ameríndias. Nesse diálogo de interpretações de dados entre a arqueologia e a voz popular, onde não houve confirmação dos dados orais, surge a possibilidade do arqueólogo tal qual o historiador, nas considerações de Prins (1992)<sup>v</sup>, ser estimulado a re-analisar outros dados sob uma nova perspectiva.

Os ossos, um dos significantes principais na cadeia de construção semiótica que imprimia sentido à tragédia do padre e da mãe, passaram a ser revistos e reinterpretados por Valentin Calderón, a partir dos relatos de Carlos Estevão, na medida em que outros signos se incorporavam ao entendimento de um novo complexo semiótico arqueológico.

Entrando na gruta, fui levado diretamente ao local em que estavam os “ossos do padre”, segundo acreditava seu guia. Este, levantando uma laje, pôs a mostra ossos humanos, aparentemente antigos. Recolocada a laje sobre os ossos, foi feita uma ligeira inspeção por todo o solo da gruta, onde outras lajes bastante grandes, jaziam em diversos lugares. Um teste realizado por baixo dela deu como resultado o aparecimento de mais ossos. Compreendendo que estava diante de um grande

ossuário, Estevão Pinto encaminhou-me para junto de uma outra laje, onde fez, ligeiramente, uma nova escavação. *No decorrer desta, encontrou um pequeno ornamento feito de um pedaço de tarso de ave, igual a uns ainda hoje usados em colar e pulseira por índios da Amazônia*<sup>vi</sup>. Satisfeito, recolhi o achado; coloquei, de novo, os ossos no lugar que se encontravam, e, como já estivesse escurecendo, retirei-me da gruta acompanhado de Anselmo.

Estes achados, em superfície, revestem o que será descoberta e posteriormente denominada Tradição Itaparica, o foco principal deste trabalho e o mundo patrimonial da cultura material, no qual iremos adentrar. Calderón (1983, p. 47-48)<sup>vii</sup> afirma que na dimensão das indústrias líticas do São Francisco são vislumbrados dois estágios. Um deles é atribuído à Tradição Itaparica, correspondendo aos estratos mais profundos da Caverna do Padre, onde predominam os raspadores líticos plano-convexos, semi-circulares, ou com tendência trapezoidal, lascas sem retoques ou com pouco retoques, pontas-faca, pontas-raspador e buris. A revelação desses objetos e dessas coisas do mundo pré-histórico (no ato de escavação, das análises laboratoriais e na interpretação da cultura material) culminou em textos arqueológicos. A produção deste discurso fez parte do processo de acondicionamento do mundo em palavras (LATOIR, 2001)<sup>viii</sup>.

### **A escavação e a inscrição dos signos espaço-temporais**

“Ossuário”, eis a síntese da percepção primeira de Valentin Calderón ao percorrer ávido de curiosidade a Caverna do Padre. A arqueologia não é ciência apenas das superfícies; os olhos dos seus praticantes, na maioria das vezes, estão voltados para os estratos mais profundos. Deste modo a terra vai sendo recortada, física e discursivamente em “cortes estratigráficos”, alcançando um lugar de representação nos desenhos das quadrículas, dos perfis, das plantas baixas e de outros traçados. A terra de ocupação do mundo pré-histórico se torna inscrição, que nas palavras de Latour (2001)<sup>ix</sup> é um “termo geral referente a todos os tipos de transformação que materializam uma entidade num signo, num arquivo, num documento, num pedaço de papel, num traço”.

As palavras de Valentin Calderón nos escritos compilados sob o tema “*Rascunhos del Trabajo*”, ainda não publicados e também arquivados no MAE/UFBA, revelam os critérios que nortearam inicialmente a escavação, ao mesmo tempo em que

apresentam e justificam as inscrições referentes ao quadriculamento do terreno que continha a cultura material, ou melhor dizendo, o patrimônio cultural da Tradição Itaparica.

Propondo-nos apenas fazer um teste estratigráfico com a finalidade de comprovar as informações que nos transmitiu Estevão Pinto ( ), foi escolhida uma das áreas superficiais da gruta, a que oferecia à primeira vista menor número de fragmentos grandes de rochas, e, *nela se demarcaram seis quadras que foram denominadas por letras, de A a F<sup>x</sup>*. Cada uma das quadras media aproximadamente 1,60 x 2,00, medidas estas resultantes da divisão do espaço previsto para que, em caso necessário, fosse possível ampliar os testes, a partir de uma linha base traçada paralela à entrada da caverna.

O texto sobre a escavação e a sua representação gráfica são estratégias sígnicas para exprimir a dimensão espaço-temporal da ocupação pelos próprios atores pré-históricos, ao mesmo tempo eles proporcionam uma leitura universalmente codificada do “fazer arqueológico”. Nesse sistema semiótico, ocorre uma extraordinária polissemia, tanto no âmbito da codificação da linguagem entre os sujeitos do conhecimento quanto na interpretação do objeto devido às referências do tempo e do espaço. Dando lugar aos traços e documentos visuais produzidos por Valentin Calderón, apresentamos duas inscrições (figuras 1 e 2) onde ele representou parte do mundo pré-histórico dos períodos de ocupação, inclusive da Tradição Itaparica:

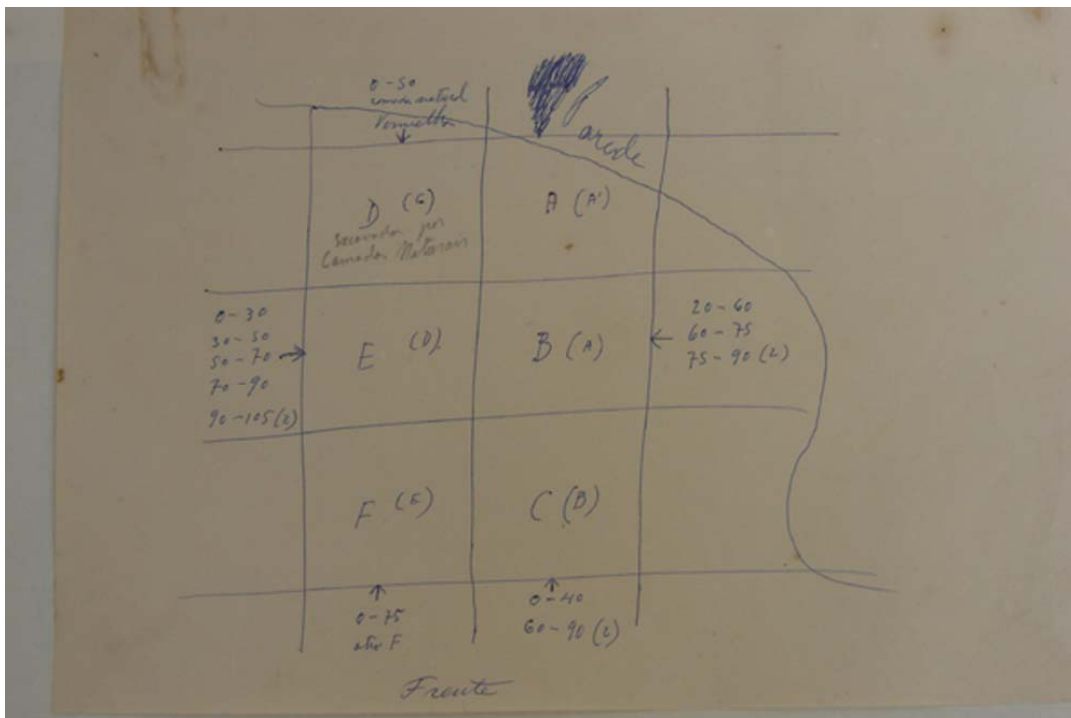


Figura 1: inscrição esboçada por Calderón numa representação gráfica do solo a ser escavado.



Figura 2: inscrição onde um corte estratigráfico da Caverna do Padre foi materializado num documento fotográfico.

**A Tradição Itaparica: artefatos tal qual palavras na tecedura do texto**

Na literatura arqueológica brasileira, a cultura material das populações pré-históricas dos caçadores e coletores do holoceno antigo e médio (12.000 – 5.000 AP.) assume visibilidade, especialmente, com a indústria lítica e nas relações homem-meio ambiente que configuraram os padrões de assentamento. As populações humanas desta época deixaram diversos sinais de ocupação numa vasta área do território brasileiro (Amazonas, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Bahia, Piauí e Ceará). No discurso arqueológico, a lesma (figura 3), semelhante ao molusco terrestre com a mesma denominação, e que ainda na linguagem arqueológica se refere a um artefato unifacial plano-convexo, tem sido registrada em todos os contextos mencionados. Este instrumento foi revestido por figuras de linguagem, a metáfora e a metonímia. Nesse tecido textual, ao mesmo tempo em que a metáfora co-relacionou o objeto a um animal pela semelhança, a metonímia apontou para uma contigüidade da parte com o todo: a lesma e a Tradição Itaparica.



Figura 3: lesmas, instrumentos unifaciais plano-convexos da Tradição Itaparica.

Na arqueologia, os discursos comunicam a expressão de uma cultura; os objetos não são apenas matérias-primas numa classificação natural, eles são palavras que os apresentam e representam no circuito da comunicação entre os sujeitos do conhecimento, especialmente. No universo do objeto do conhecimento, na maioria das

vezes, a palavra denominativa das coisas, aos ouvidos do arqueólogo, já se perdeu na “poeira do tempo e do espaço”. Numa perspectiva além da denominação, o arqueólogo inglês Christopher Tilley enfatiza que a cultura material, na dimensão de seu uso, pode ser situada para transformar, guardar ou preservar informação social. Em seguida, este autor destaca o lugar que ela alcança enquanto analogia com o texto literário, pois “*it can be regarded as a kind of text, a silent form of writing and discourse; quite literally, a channel of reified and objectified expression*” (TILLEY, 2000, p. 421-422)<sup>xi</sup>. O texto de autoria do arqueólogo se aproxima de um metatexto em direção ao texto-cultura material; ambos são polifônicos<sup>xii</sup>. No texto científico, o autor dialoga com vários sujeitos na construção do discurso; enquanto que no texto-cultura material, embora esteja envolvido numa forma silenciosa de se apresentar no plano da audição, há uma polifonia que se insinua na perspectiva da percepção comparativa entre os objetos, onde o significado de uns se afirmam diante da correspondência ou não de outros; um raspador “dialoga” com uma ponta, a partir do momento de que um ato de fala ou um registro impresso constata suas especificidades e diferenças. A polifonia só é possível apresentar-se mediante um ato da língua, ou mais enfaticamente, a partir de um ato de fala ou no uso da língua. Bakhtin (2006: 127)<sup>xiii</sup> considera o livro “um ato de fala impresso”. Nesse sentido, um artigo ou outras publicações científicas, compartilhando da mesma natureza da impressão, alcançam o mesmo *status*. A verdadeira substância da língua se constitui “pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*” (BAKHTIN, 2006)<sup>xiv</sup>. Este autor esclarece ainda que, o caráter dialógico do discurso não se estabelece apenas diante da confrontação da fala de duas pessoas, face a face, visto que o diálogo está presente em toda comunicação verbal.

Quais os temas-tramas na tecedura do texto de Valentin Calderón? No final da década de 1960, este arqueólogo noticiava pela primeira vez os achados da Gruta do Padre<sup>xv</sup>. Neste momento ele ainda não denominara o horizonte cultural da indústria lítica de Tradição Itaparica; os fios condutores da tecedura de seu texto eram constituídos por dados climáticos, pela cronologia, classificação tipológica de instrumentos líticos e posicionamento estratigráfico dos mesmos. Neste texto predomina a descrição dos aspectos da cultura material e do ambiente. É a própria voz de Calderón que sustenta todo o discurso. O silêncio de outras vozes é enfatizado pela ausência de citações; neste primeiro texto dedicado à Gruta do Padre, a única citação é referente a uma publicação do próprio Valentin Calderón. Joyce (2002)<sup>xvi</sup> considera que a



intertextualidade de citações é uma dentre as muitas convenções que marcam a polifonia da atividade arqueológica.

No início da década de 1980, num texto intitulado “As Tradições Líticas de uma Região do Baixo-Médio São Francisco (Bahia)”, Valentin Calderón apresentava a Tradição Itaparica e, logo nos primeiros enunciados, emergem múltiplas vozes convidadas a partilhar do momento da anunciação e do problema científico fundamentado na cultura material. Num dos enunciados iniciais de Valentin Calderón há uma expectativa de sistematização da classificação, especialmente terminológica, da indústria lítica. Abertamente é refutado o trabalho de uma pesquisadora francesa.

Eis o enunciado:

Nem mesmo a terminologia, caótica em todas as Américas, e principalmente no Hemisfério Sul, foi devidamente estabelecida, apesar dos esforços sérios, mas insuficientes, de Annette Laming e sua equipe da Universidade do Paraná. [...]

Os complexos líticos têm sido insuficientemente descritos, preocupados que estavam os pesquisadores com a presença de pontas de projétil, usando uma terminologia arbitrária, sem sistematizar as classificações, sendo rara a aplicação de métodos estatísticos para a caracterização dos referidos complexos”. (CALDERÓN, 1983, p. 37)<sup>xvii</sup>.

O problema científico de Valentin Calderón apontado para situar a Tradição Itaparica no quadro das indústrias líticas da América do Sul apresentava respostas aos pesquisadores que estavam preocupados “*com a presença de pontas de projétil*”<sup>xviii</sup>, o que estaria acarretando um comprometimento taxonômico dos artefatos. Esse problema científico se expande além das fronteiras do estado da Bahia. Em 1980, a ausência de pontas de projétil também será confirmada nos sítios-abrigos escavados por Pedro Ignácio Schmitz no cerrado do estado de Goiás, onde o predomínio de instrumentos cabe às lesmas, nas camadas abaixo de 9.060 A.P. Esse *ato de fala* de Calderón, que critica a preocupação com pontas de projétil, dialoga e refuta a expectativa de arqueólogos americanos, dentre eles Stanford, que, ao visitarem os sítios escavados por Schmitz (1978/79/80: 20)<sup>xix</sup>, em Serranópolis, Goiás, insistentemente perguntavam: “este índio não tem projétil? Não é um paleo-índio caçador de grandes animais?”. Estas

indagações, segundo Schmitz, eram decorrentes do “esquema das grandes planícies” e o estimulou a estender as buscas em áreas abertas. No entanto, não foi localizado nenhum sítio a céu aberto na região.

O discurso científico escrito é polifônico e ideológico, ele é decorrente de um problema científico que se configura numa discussão ideológica mais ampla visto que, se institui num diálogo que refuta, responde e confirma alguma coisa, tem a expectativa de apoio e ainda, antecipa as respostas e as objeções potenciais (BAKHTIN, 2006)<sup>xx</sup>. No universo da presença ou ausência de pontas de projétil se configura uma ideologia que, de algum modo, é ou fora alimentada pelo domínio ou predomínio de padrões de ocupações territoriais relacionadas a especificidades da cultura material, por exemplo, no “esquema das grandes planícies” comentado por Pedro Ignácio Schmitz. Onde estavam os caçadores com pontas de projétil? Onde estavam os sinais dos desbravadores pré-históricos, com pontas de projétil, em seus contatos e itinerâncias americanas na pré-história? Onde situar a Tradição Itaparica? O patrimônio da cultura material dessa tradição de indústria lítica era destituído de pontas de projétil e agora, o “objeto da vez” eram os raspadores plano-convexos, especialmente a lesma<sup>xxi</sup>, o fóssil-guia desta tradição.

### **Finalmente... o patrimônio cultural e a semântica da escavação-exposição**

Revelamos, ao longo deste texto, um circuito que compreende: “vozes da população-escavação-análise da cultura material”. Este trânsito do “fazer científico” está vinculado ao domínio do mundo arqueológico. Na medida em que as informações dos resultados da pesquisa avançam, outros domínios-mundos vão sendo relacionados. Aqui, destacamos a importância da coleção e do museu, ao reterem informações referentes à própria escavação, visto serem objetos coletados em determinadas posições estratigráficas e inseridos numa coleção. Na publicação de Joyce (2002)<sup>xxii</sup> em meio à troca de correspondências com Robert Preucel, alerta-se que o trabalho de campo em arqueologia é bastante amplo, não implica apenas em escavação ou levantamento de uma área; envolve ainda estudos que co-relacionam os dados de coleções, dentre eles o estudo de coleções de museus.

A escavação da Gruta do Padre foi realizada por níveis artificiais inicialmente, e depois por níveis naturais. Os artefatos, a cada nível, recebiam uma única numeração (ALBUQUERQUE, comunicação pessoal, 2007). Cada instrumento foi marcado com

um número que passou a ser uma referência. Os objetos da cultura material, oriundos da escavação, posteriormente foram constituir uma coleção, um patrimônio de “objetos com codificação numérica”, acondicionados numa reserva técnica e/ou expostos no MAE (Museu de Arqueologia e Etnologia), da UFBA (Universidade Federal da Bahia).

A coleção é uma extensão da prática arqueológica; a coleta de peças e o consequente acervo patrimonial resultam num universo de objetos agrupados segundo especificidades materiais e imateriais. Ao referir-se ao sentido inerente à prática de colecionar, Susan Pearce afirma que: “*collections are a significant element in our attempt to construct the world, and so the effort to understand them is one way of exploring our relationship with the world*” (PEARCE, 1992, p. 37)<sup>xxiii</sup>. Haveria na atitude de colecionar, na prática arqueológica, uma expectativa em construir o mundo? A atividade do arqueólogo, na expressão discursiva, está pautada na *reconstrução*, na *reconstituição*, no *resgate* e na *recuperação*. Neste sentido, estas palavras-signo estão relacionadas a metáforas de destruição. Portanto, a expectativa-tentativa do arqueólogo está voltada para a *reconstrução do mundo*, um mundo distante no tempo e no espaço, mas um mundo que se aproxima pelos objetos e pelas leituras dos seus sentidos.

O problema científico de Valentin Calderón apontado anteriormente, onde se erguia uma crítica devido a buscas obstinada por pontas de projétil, de algum modo se reflete na narrativa que emana da (pré)história reconstruída e contada a partir da disposição dos instrumentos nas vitrines do MAE. As lesmas são os únicos instrumentos em exibição da Tradição Itaparica. Estes objetos estão expostos num cubo separadamente de outros suportes com pontas de projétil, conforme pode ser visto na figura 4 abaixo.



Figura 4: Lesmas expostas no canto abaixo (à direita, na fotografia) juntamente com pontas de projétil e outros instrumentos, no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/UFBA).

Numa vitrine está contida *toda* a representatividade do mundo da Tradição Itaparica. O objeto-signo lesma concentra a relação *parte-todo* deste sistema semiótico reconstruído pelo arqueólogo na cultura material e passa a ser exposto a um público que, em larga medida, não tem acesso a materialidade textual arqueológica. Os objetos museológicos, deste modo, se constituem numa potente expressão de sentidos tal qual um texto científico-literário.

## NOTAS

<sup>i</sup> Reflexões preliminares deste trabalho foram apresentadas no IV Congresso Internacional de Patrimônio Cultural, em Córdoba, na Argentina, realizado no período de 7 a 10 de maio de 2008.

<sup>ii</sup> Museu de Arqueologia e Etnologia / Universidade Federal da Bahia.

<sup>iii</sup> Texto não publicado e arquivado no MAE/UFBA. Neste texto não fica claro se a narrativa é do próprio Calderón ou se é uma transcrição de textos de Carlos Estevão. Martín (1986) aponta estes enunciados como sendo de autoria de Carlos Estevão. Mesmo não tendo sido uma experiência direta de Valentin Calderón, essa narrativa foi reinserida no universo de significação da Gruta do Padre, quando dos seus escritos: Subsídios para o Trabalho.

- 
- <sup>iv</sup> HODDER, Ian. (1991). Interpretative Archaeology and its role. *American Antiquity*. 56: 7-18.
- <sup>v</sup> PRINS, Gwyn. (1992). *História Oral*. In: BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. UNESP. São Paulo.
- <sup>vi</sup> Grifo nosso.
- <sup>vii</sup> CALDERON, Valentin (1983). As tradições Líticas de uma região do Baixo Médio São Francisco (Bahia). Estudos de Arqueologia e etnologia. UFBA. *Coleção Valentin Calderón*. Salvador: 37 – 58.
- <sup>viii</sup> LATOUR, Bruno. (2001). *A Esperança de Pandora*. EDUSC. São Paulo.
- <sup>ix</sup> LATOUR, Bruno. (2001). *A Esperança de Pandora*. EDUSC. São Paulo.
- <sup>x</sup> Grifamos este trecho para destacar a inscrição que corresponderá a este enunciado no desenho de Calderón.
- <sup>xi</sup> TILLEY, Christopher. (2000). Interpreting Material Cultures. In: THOMAS, Julian. *Interpretative Archaeology: a reader*. Leicester University Press. London and New York.
- <sup>xii</sup> A noção de polifonia é empregada para se alcançar o sentido dos enunciados.
- <sup>xiii</sup> BAKHTIN, Mikhail. (2006). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Editora Hucitec. São Paulo.
- <sup>xiv</sup> BAKHTIN, Mikhail. (2006). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Editora Hucitec. São Paulo.
- <sup>xv</sup> CALDERÓN, Valentin (1969). Nota prévia sobre arqueologia das regiões central e sudeste do estado da Bahia. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA. 2. Resultados preliminares do segundo ano. 1966-1967. *Museu Paraense Emílio Goeldi*. Belém:135-152.il.
- <sup>xvi</sup> JOYCE, Rosemary A. (2002). *The Languages of Archaeology: dialogue, narrative, and writing*. Blackwell. Padstow.
- <sup>xvii</sup> CALDERON, Valentin (1983). As tradições Líticas de uma região do Baixo Médio São Francisco (Bahia). Estudos de Arqueologia e etnologia. UFBA. *Coleção Valentin Calderón*. Salvador: 37 – 58.
- <sup>xviii</sup> Grifo nosso.
- <sup>xix</sup> SCHMITZ, Pedro Ignácio; BARBOSA, Altair Sales; RIBEIRO, Maira Barberi. (1978/79/80). Temas de Arqueologia Brasileira. Arcaico do Interior (2). *Anuário de Divulgação Científica*. Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia. Universidade de Goiás. Goiânia.
- <sup>xx</sup> BAKHTIN, Mikhail. (2006). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Editora Hucitec. São Paulo.
- <sup>xxi</sup> Calderón ao empregar a denominação lesma, fez observações a respeito da nomenclatura universalmente aceita de buril, apresentando algumas variações, dentre elas, o buril duplo ou lesma (Calderón, 1883: 43). Sendo assim, numa primeira classificação a lesma se instituiu numa variação do buril, a saber, o buril duplo.
- <sup>xxii</sup> JOYCE, Rosemary A. (2002). *The Languages of Archaeology: dialogue, narrative, and writing*. Blackwell. Padstow.
- <sup>xxiii</sup> PEARCE, Susan M. (1992). *Museums, Objects and Collections*. Routledge. London and New York.